

Separado da primeira mulher, vive com uma jovem e bonita professora de música. É amante do teatro e do cinema, viu o «Amadeus». Tem fama de duro, de capataz. A estrela comunista do Norte para os seus.

Ângelo Veloso é um duro? Nem Berlinguer, nem Cunhal...

Ângelo Veloso é um duro? O retrato que tem sido divulgado do candidato presidencial do PCP apresenta-o como um homem que veio do frio, capataz que põe os funcionários em sentido, dirigente de série igualzinho aos seus pares Costa, Cunhal, Pato e Cia da comissão política do Comité Central. Para mostrar aos leitores um retrato o menos embaciado possível de Ângelo Veloso, o **Semanário** vasculhou a sua vida e concluiu que nem tanto ao mar, nem tanto à terra — o candidato comunista não é o Enrico Berlinguer que se desejava mas também não é o Carlos Costa que se diz.

Gorbachev nas suas visitas ao ocidente faz-se ostensivamente acompanhar da sua mulher Raisa que passeia pelas ruas com as primas damas dos países que o marido visita, vé-nofras, e mesmo bem capaz de apreciar o último dos filhos de Saint-Laurent. Mas não que Gorbachev não...

PCUS não é o PCP e a nova aragem estilística que sopra de Leste ainda não chegou à ocidental praia. Mas no particular da família, Ângelo Veloso está mais perto de Gorbachev do que de Cunhal.

Ainda não é política do PCP apresentar os seus dirigentes como portugueses iguazinhos a todos os outros, deixando-os ser fotografados em cenas familiares, com os netos ao colo, a mulher ao lado e o cão deitado no Arraiolos ponto fino, com um fundo de lombadas vistas arrumadas em estante que esconde a parede.

E é pena que o estilo do PC português não seja este. Porque se fosse tinha no seu candidato presidencial uma excelente oportunidade para colocar paredes de vidro à volta dele.

Não anda só metido no «escritório»

Separado da primeira mulher, de quem tem três filhas, Veloso

vive com uma jovem e bonita professora de música que não é militante comunista, numa ligação nascida já no regime democrático e que tem como fruto um rebento do sexo masculino.

A primeira das singularidades de Veloso, que o distingue dos seus pares da comissão política, é mesmo essa de não viver com uma camarada — o que o indicia como homem que não anda só e permanentemente metido no «escritório» (se andasse onde é que ia conhecer a bela e jovem professora de música?).

Amante do teatro e do cinema, que frequenta com regularidade (a sua presença no «1900» de Bertolucci e no «Amadeus» de Forman foi testemunhada), Ângelo Veloso demonstra em público uma capacidade de encaixe pouco usual no partido que dirige.

Numa sessão promovida, o ano passado, pela Seiva Trupe (que por tradição tem forte componente comunista no seu

público), com Paco Ibanez, o cantante espanhol resolveu-se, num intervalo do espectáculo, a produzir uma intervenção crítica em relação à URSS e favorável ao Solidariedade e a Lech Walesa. Enquanto parte da plateia comunista assobiava e apupava e outra abandonava ostensivamente a sala, Veloso ficou quieto e sereno no seu lugar, à espera de mais músicas, como quem diz «serviço é serviço, cognac é cognac».

Mas voltando ao serviço, o leitor pode interrogar-se — donde vem afinal a fama de Ângelo Veloso de homem duro e capataz?

Homem de escrita limpa e amante da boa mesa

Esta fama (que tinha o consequente proveito) vem dos tempos de 1975 em que, depois de ter sido responsável pelo sector intelectual do partido na organização de Lisboa e de dirigir a

organização do Ribatejo, foi destacado para «aparatchick» da DORN (Direcção da Organização Regional do Norte), onde politicamente pontificava Carlos Costa — esse sim o protótipo do duro.

«Nessa altura a sua tarefa era controlar o aparelho do partido no Norte de uma forma directa, tratar de todas as burocracias, ver se este comunicado já tinha sido impresso e enviado para ali, fiscalizar a actividade dos funcionários, etc. Este tipo de tarefas não se coadunava com as características e perfil do camarada Ângelo Veloso e por isso é que ele ganhou a fama de ser um duro, um homem do aparelho», afirmou ao **Semanário** um militante comunista.

Posteriormente, Carlos Costa vai para Lisboa e Veloso passa a ser o responsável político (e não burocrático) pela organização do Norte (que entretanto se dividira em três direcções regionais, a DORP, a DORTM e a Dorminho), relegando as tarefas de controlo estrito do aparelho do partido no Porto para um membro do CC Edgar Correia.

Então Veloso começa a brilhar dentro do partido, nos debates teóricos, apagando a imagem de capataz para fazer surgir em seu lugar a de um homem ligado à terra, afável, aberto e polémico, «um investigador do partido, com ideias brilhantes e grandes sagacidades», que homens de letras comunistas reco-

nhecem ser capaz de escrita limpa e primorosa.

Veloso torna-se assim a estrela do partido no Norte, depois de uma carreira que não pode ser considerada meteórica — ele não é membro do Secretariado, só passou a membro efectivo da comissão política do X Congresso e foi eleito membro suplente do CC após duas prisões e 17 anos de militância clandestina — homem que favoreceu na DORP a ascensão no partido de muitos jovens quadros, que gosta de «tainadas e é profundo conhecedor da gastronomia nortenha (é frequente organizador de excursões, no final das reuniões, até umas lulas em Matosinhos) e que bebeu o antifascismo em casa, com o pai, um velho advogado que sempre preferiu as liberdades da Primeira República à bota de Salazar e que frequentemente visita o filho na sede da Avenida da Boavista — onde Ângelo o recebe com beijos e de braços abertos, tratando-o carinhosamente como pai.

E com este perfil já conseguiu uma grande conquista na hierarquia do partido, expressa terminologicamente na campanha das últimas legislativas: Carlos Costa não era o cabeça de lista da APU no Porto — os cabeças de lista da APU no Porto eram os camaradas Carlos Costa e Ângelo Veloso. Percebem?

Jorge Fiel

